

Pesquisas em estratégias de aprendizagem: um panorama¹

Márcio Luiz Corrêa Vilaça ²
UNIGRANRIO

Resumo:

Este artigo apresenta um breve panorama de áreas de estudos relacionados às estratégias de aprendizagem. O objetivo básico deste trabalho é possibilitar a compreensão de fatores que colaboraram diretamente para o desenvolvimento da área. Publicações e pesquisas são indicadas para aqueles que pretendam aprofundar o conhecimento na área.

Palavras -chave: Estratégias de aprendizagem, estudos, pesquisas

Abstract:

This article provides readers with an outline of studies and fields of research focusing on language learning strategies. It aims primarily at understanding aspects that directly contributed to the development of the field. Publications and research will be indicated in order to help readers who are interested in learning more about the topics mentioned here.

Keywords: Learning strategies, studies, research

1 Introdução

As estratégias se revelam um dos temas mais pesquisados no que se refere à aprendizagem de línguas estrangeiras (O'MALLEY & CHAMOT, 1990; OXFORD, 2002; 2003a; COHEN, 1998 e 2003; GRIFFITHS & PARR, 2001; ELLIS, 2000 e 2002; BROWN, 2001; CHAMOT, 2004a, 2004b). Entretanto, é de fundamental relevância destacar que estudos e publicações sobre o assunto ultrapassam os limites interdisciplinares da Linguística Aplicada, obtendo, cada vez mais, lugar de destaque em diversas áreas relacionadas à Educação e à Psicologia, em especial à Psicologia da Educação.

¹ Este artigo foi adaptado da tese de doutoramento do autor, que pesquisou o ensino de estratégias de aprendizagem em materiais didáticos.

² Márcio Luiz Corrêa Vilaça é doutor em Letras (Estudos de Linguagem) pela UFF e mestre em Linguística Aplicada pela UFRJ.

Nos últimos anos, podemos encontrar diversos trabalhos sobre o tema no contexto nacional (ALMEIDA, 2002; VILAÇA, 2003; FIGLIOLINI, 2004; GOMES, 2004; CARDOSO, 2005; ARAÚJO-SILVA, 2006; LOPES, 2007, entre outros). Merece menção o fato de muitos estudos nacionais envolvendo estratégias de aprendizagem estarem relacionados a pesquisas em programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Este artigo pretende oferecer uma visão geral dos estudos relacionados às estratégias de aprendizagem, buscando, como o título indica, proporcionar um panorama das pesquisas na área. Devido ao escopo deste trabalho, serão privilegiados os trabalhos realizados e publicados nos últimos dez anos. Além disso, referências a trabalhos de pesquisadores brasileiros serão feitas sempre que possível. No entanto, faz-se relevante salientar que não há pretensão de elencar aqui todos os estudos realizados nos últimos anos no Brasil.

A palavra *estratégia* é empregada em diversos campos da Linguística e da Linguística Aplicada de forma bastante variada e polissêmica. Este fato pode ser facilmente constatado no *Glossário de Lingüística Aplicada*, publicado por Almeida Filho & Schmitz (1998). A publicação, um glossário bilíngue (Português-Inglês) de termos em Linguística Aplicada, apresenta mais de uma centena de ocorrências do termo *estratégia*. Termos que incluem, por exemplo, *estratégias didáticas*, *estratégias fonéticas* e *estratégias discursivas*.

Por este motivo, inicialmente serão apresentadas algumas definições de estratégias de aprendizagem, de forma a possibilitar a compreensão do conceito de estratégia empregado aqui. Na próxima seção, serão apresentadas 3 definições de estratégias, duas no campo da Linguística Aplicada e uma no campo da Educação.

2 Definições de estratégias de aprendizagem

Oxford (1990, p. 1) define as estratégias de aprendizagem como:

passos dados pelos estudantes para melhorar sua aprendizagem. As estratégias são especialmente importantes na aprendizagem de línguas porque elas são ferramentas para um envolvimento ativo e autodirigido, o que é essencial para o desenvolvimento da competência comunicativa. Estratégias de aprendizagem de línguas apropriadas resultam em proficiência aperfeiçoada e maior autoconfiança.

A definição de Oxford é, sem dúvida, a mais citada no campo. Para a pesquisadora, as estratégias são ferramentas que contribuem para a aprendizagem de línguas, para o desenvolvimento da competência comunicativa e para a autonomia do aluno.

Wenden (1991, p. 18) afirma que as estratégias são “passos e operações mentais que os aprendizes empregam para aprender uma nova língua para regular seus esforços para isto”.

No campo da Educação, com uma perspectiva mais abrangente, Pozo (2002, p. 235) afirma que “as estratégias são procedimentos que se aplicam de modo controlado, dentro de um plano projetado deliberadamente com o fim de conseguir uma meta” .

3 Estudos em estratégias de aprendizagem

As pesquisas sobre estratégias de aprendizagem apresentam diferentes focos e objetivos, sendo o mais comum a identificação de estratégias empregadas pelos alunos no processo de aprendizagem de uma língua ou no uso comunicativo da mesma. Este tipo de identificação pode ocorrer de formas diferentes. Algumas destas possibilidades são apresentadas aqui.

Muitos trabalhos discutem o emprego de estratégias em diferentes habilidades e usos linguísticos (O'MALLEY & CHAMOT, 1990; OXFORD, 1990, 2002; COHEN, 1998; ELLIS, 2000, entre outros). Este tipo de pesquisa poderia ser chamada de *identificação global de estratégias*, uma vez que não há critérios mais específicos que delimitem o tipo de estratégia a ser identificado ou aspectos de uso ou aprendizagem da língua.

O segundo tipo possível é a *identificação de estratégias por habilidade linguística específica*, tais como compreensão oral (ROST, 1990; CARDOSO, 2005, FIGLIOLINI, 2004), produção oral (NUNAN, 1995), produção escrita (MARTINS, 1996; KANE, 2003) e compreensão escrita (DIAS, 2002; JANSEN, 2002).

Há também uma grande variedade de trabalhos que estudam e discutem as estratégias empregadas em componentes mais específicos como, por exemplo, na aprendizagem de vocabulário (DECARRICO, 2001; CARTER, 2001; MAREFAT & SHIRAZI, 2003; RODRIGUES, 2004; CUBUKCU, 2008). Este tipo de pesquisa poderia ser classificado como *identificação de estratégias por componente de aprendizagem*.

A quarta forma comum de identificação de estratégias se baseia em tipos específicos de estratégia. Neste caso, o mais comum é a subdivisão das estratégias em quatro categorias, a saber: cognitiva, metacognitiva, social e afetiva. A este tipo de pesquisa poderíamos chamar de *identificação de por tipo de estratégia*.

Convém aqui fazer duas observações importantes. Primeiramente, as classificações de estratégias não ocorrem de forma uniforme entre os pesquisadores (Cf. VILAÇA, 2003). Em segundo lugar, a proposta aqui de diferenciar as possibilidades de pesquisa de identificação de estratégias tem propósito pedagógico, visando a facilitar a compreensão de critérios que podem auxiliar na delimitação das estratégias a serem identificadas.

A identificação de estratégias de aprendizagem possibilita uma melhor compreensão dos processos, ações e comportamentos empregados pelos alunos em situações de aprendizagem. Em outras palavras, as estratégias indicam como os alunos lidam com as tarefas de aprendizagem (OLIVEIRA & CHADWICK, 2004).

O interesse por este tipo de pesquisa é motivado por diversas razões, sendo as mais frequentes a busca pelo estudo dos alunos bem-sucedidos e a possibilidade de ensino das estratégias de aprendizagem, questões intimamente relacionadas.

Alunos³ bem-sucedidos têm despertado grande interesse em pesquisadores de ensino de línguas estrangeiras. Em termos gerais, eles questionam o que faz com que alguns alunos aprendam e usem uma língua estrangeira com mais competência, rapidez e facilidade que outros. Estudos indicam que muitas vezes o maior ou menor nível sucesso na aprendizagem está relacionado ao melhor e maior emprego de diversas e apropriadas estratégias de aprendizagem (RUBIN, 1975; COHEN, 1998; POZO, 2002; OXFORD, 1990, 2002, 2003a).

O trabalho de Joan Rubin (1975) contribuiu de forma significativa para despertar, nos pesquisadores, este tipo de interesse nos bons alunos de línguas. A autora, no trabalho citado, discutiu características identificadas em bons alunos. O objetivo de Rubin era instrumentalizar os alunos menos competentes com as estratégias empregadas pelos alunos bem-sucedidos. Esta instrumentalização aconteceria por meio do ensino das “estratégias produtivas” (RUBIN, 1975, p. 41).

Partindo dessa pesquisa, Rubin apresenta sete características dos bons alunos:

³ Embora seja empregado aqui o termo aluno, a compreensão geral deve incluir aprendizes e usuários de uma língua, independente do contexto instrucional da sala de aula, de professor ou de material didático. Na literatura em língua inglesa, o termo mais empregado é *learner* (aprendiz). No entanto, é possível encontrar *student* (estudante/aluno) e *speaker* (falante).

- 1) O bom aluno é um adivinhador preciso e bem disposto que se sente confortável com a incerteza. Através do contexto, das experiências prévias, e do seu conhecimento de mundo e das relações sociais, o aluno busca entender coisas que estão além do seu conhecimento presente.
- 2) O bom aluno tem grande motivação para se comunicar e para aprender através da comunicação. Está, portanto, disposto a interagir, até mesmo quando sabe que terá que enfrentar obstáculos e dificuldades, como, por exemplo, limitação de vocabulário ou pequeno conhecimento formal de língua.
- 3) O bom aluno freqüentemente não é inibido. Tal característica está, a meu ver, diretamente relacionada à anterior.
- 4) O bom aluno, além de procurar se comunicar, está atento às características formais da língua. Geralmente busca aprender padrões e estruturas lingüísticas.
- 5) O bom aluno pratica.
- 6) O bom aluno monitora a sua fala e as falas dos outros.
- 7) O bom aluno está atento ao significado e não apenas à gramática.

Em outras palavras, o bom aluno de línguas emprega estratégias sociais, afetivas, cognitivas e metacognitivas com bastante competência. Além disso, ele é um aluno altamente motivado para a aprendizagem da língua e com provável atitude positiva em relação à mesma, o que o leva a tentar se comunicar na língua estrangeira.

É importante destacar que esta discussão, entretanto, não deve ser entendida de forma determinista. Em outras palavras, a autora não apresenta tais características como garantia de uma aprendizagem bem-sucedida. Neste sentido, é importante reconhecer que há, na verdade, um movimento cíclico de impacto. Assim como a motivação contribui para o

emprego de estratégias, estas, especialmente por meio do ensino, podem contribuir para o aumento da motivação.

O interesse no bom aluno de línguas chamou a atenção para dois outros aspectos centrais no campo de estratégias de aprendizagem: o aluno autônomo (RUBIN, 1975, 1987; WENDEN, 1987, 1991; OXFORD, 1990, 2002; COHEN, 1998, 2000; BARBOSA, 2001; CARDOSO, 2005; SILVA, 2006) e o ensino de estratégias de aprendizagem (RUBIN, 1975; O'MALLEY, 1987; O'MALLEY & CHAMOT, 1990; OXFORD, 1990, 2001, 2002; WENDEN, 1991; LESSARD-CLOUSTON, 1997; COHEN, 1998; BROWN, 1994; 2001; ELLIS, 2000; POZO, 2002; MAREFAT & SHIRAZI, 2003; CHAMOT, 1988, 1999, 2004a, 2004b e 2005; COTTERALL & REINDERS, 2005).

Pesquisas indicam que o emprego de estratégias está relacionado ao comportamento autônomo dos alunos. Autores defendem que o emprego de estratégias de aprendizagem está entre os fatores que contribuem para maior autonomia na aprendizagem (RUBIN, 1975; O'MALLEY & CHAMOT, 1990; OXFORD, 1990, 2002; HEDGE, 1993; COHEN, 1998, 2000; BARBOSA, 2001; OLIVEIRA & CHADWICK, 2004; CARDOSO, 2005; SILVA, 2006).

A autonomia possibilita que o aluno assuma papel mais ativo na sua aprendizagem, diminuindo, portanto, a sua dependência do professor.

Estudos indicam que alunos autônomos tendem a fazer um diversificado e competente emprego de estratégias de aprendizagem. Por outro lado, alunos passivos, com menor nível de autonomia, dependem mais diretamente das ações do professor e do método de ensino.

Parece ficar claro nas questões até aqui tratadas que as pesquisas de estratégias focalizam predominantemente o aprendiz de línguas. Este deslocamento do foco, do professor para o aprendiz, tem sido amplamente defendido na literatura sobre aprendizagem, tanto na área de Linguística Aplicada (TARONE & YULE, 1999, por exemplo) quanto em Educação (BRITTO, 1989; POZO, 2002; OLIVEIRA & CHADWICK, 2004; DE AQUINO, 2007).

Este deslocamento deve-se em parte às críticas ao conceito de métodos de ensino de línguas estrangeiras e à defesa de uma *Era Pós-Método* (BROWN, 1995, 2001 e 2002; KUMARAVADIVELU, 1994 e 2001; RICHARDS & RODGERS, 2001), era na qual o ensino assume natureza mais eclética com especial interesse nas necessidades, nas

características e nos objetivos dos alunos e dos contextos de ensino/aprendizagem (KUMARAVADIVELU, 1994; BROWN, 2001, 2002).

Outro fator que ocupa posição destacada é o ensino de estratégias de aprendizagem. O ensino de estratégias é tema de ampla discussão na literatura sobre ensino de línguas estrangeiras (COHEN, 1998 e 2003; BROWN, 2001; ELLIS, 2000; OXFORD, 2002 e 2004; CHAMOT, 2004a). Em termos gerais, diversos pesquisadores defendem que o ensino de estratégias de aprendizagem possibilita que os alunos aprendam a aprender (BROWN, 2001; OXFORD, 2002 e 2004, CHAMOT, 2004a, 2004b; COTTERALL & REINDERS, 2005, CHEN, 2007) e desenvolvam maior autonomia (COTTERALL, 2000; GRIFFITHS & PARR, 2001; CHAMOT, 2005; CARDOSO, 2005; PAIVA, 2005, SILVA, 2006).

O ensino de estratégias pode ocorrer de diversas formas diferentes: nas aulas, em oficinas e seminários, em materiais didáticos, entre outras possibilidades. Além disso, as estratégias a serem ensinadas podem ser selecionadas seguindo uma variedade de critérios.(habilidade linguística, tipo de estratégia, por exemplo).

4 Considerações Finais

Em síntese, com base nas discussões realizadas neste trabalho, é fácil identificar quatro fatores que, em geral, encontram-se relacionados a estudos e pesquisas de estratégias de aprendizagem:

1. Estudo e descrição do bom aluno de línguas
2. Aprendizagem Autônoma
3. Pesquisa centrada no aluno
4. Ensino ou treinamento estratégico⁴

A identificação de estratégias não foi adicionada à lista acima por ser mais especificamente uma forma de estudo dos quatro fatores apontados.

⁴ Nesta pesquisa, trabalhamos com a compreensão de ensino estratégico. No entanto, na literatura, especialmente em língua inglesa encontraremos muitas menções a treinamento do aprendiz e treinamento estratégico. Convém ainda destacar que a palavra treinamento muitas vezes aparece associada a procedimentos de orientação comportamentalista.

Acredito que o objetivo de proporcionar um panorama sobre os estudos sobre estratégias de aprendizagem tenha sido atingido. As referências bibliográficas podem colaborar significativamente para o aprofundamento das questões abordadas aqui.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO-SILVA, G. B. Estratégias de aprendizagem em sala de aula: um estudo com formandos de Letras. (Dissertação) Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria. 2006

BARBOSA, J. S. A. The use of study plans to foster the use of metacognitive strategies in *Brazilian EFL learners*. Niterói, 2001. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. 153pp.

BRITTO, S. P. *Psicologia da aprendizagem centrada no estudante*. Campinas: SP. Papirus, 1989.

BROWN, D. Beyond method: toward a principled approach to language learning and teaching. IN: *Anais do XIII ENPULI- PUC-RIO* – 24-28 de julho, 1995.

BROWN, H. D. *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy*. San Francisco: Longman, 2001.

BROWN, H. D. English language teaching in the “post-method” era: towards better diagnosis, treatment, and assessment In: RICHARDS, J. C.; RENANDYA, W. A. *Methodology in Language Teaching: an Anthology of Current Practice*. New York: Cambridge, 2002.

CARDOSO, J, S. As estratégias de aprendizagem: eficácia e autonomia na compreensão oral. (Tese) Niterói: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2005.

CHAMOT, A. U. Issues in Language Learning Strategy Research and Teaching. *Electronic Journal of Foreign Language Teaching*. Vol.1 No. 1 pp: 14-26, 2004a.

CHAMOT, A.U. Preparing language teachers to teach learning strategies. In CHAN,W. M., CHIN, K. N., MARTIN-LAU, P. & SUTHIWAN, T. (eds.) *Proceedings of the CLaSIC2004 Conference*. pp.87-95. Singapore: Center for Language Studies, 2004b.

CHAMOT, A. U. Language Learning Strategy Instruction: Issues and Research. *Annual Review of Applied Linguistics* Vol. 25 Cambridge University Press, 2005.

CHEN, Y. Learning to learn: the impact of strategy training. *ELT J* 61:20-29, 2007.

COHEN, A. D. *Strategies in learning and using a second language*. London: Longman, 1998.

- COHEN, A. D. Strategy training for second language learners. ERIC Digest, August, 2003.
- COTTERALL, S. Promoting learner autonomy through the curriculum: principles for designing languages courses. *ELT Journal*. Volume 54/2 Abril 2000.
- COTTERALL, S. ; REINDERS, H. *Estratégias de estudo: guia para professores*. São Paulo: SBS Editora, 2005.
- CUBUKCU, F. Enhancing vocabulary development and reading comprehension through metacognitive strategies. *Issues in Educational Research*, 18(1), 2008
- DE AQUINO, C. T. E. *Como aprender: andragogia e as habilidades de aprendizagem*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- DIAS, R. *Reading critically in English*. 3 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- ELLIS, R. *The study of second language acquisition*. Sétima impressão. New York: Oxford University Press, 2000.
- FIGLIOLINI, M. C. R. A utilização de estratégias de aprendizagem de compreensão oral em LE no curso de Letras. IN: CONSOLO, D. A; VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. (Orgs) *Pesquisa em lingüística aplicada: ensino e aprendizagem de língua estrangeira*. São Paulo, Editora UNESP, 2004.
- GOMES, R. A. Estratégias de aprendizagem e o sintagma nominal inglês. (Dissertação) Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.
- GRIFFITHS, C. ; PARR, J. M. Language-learning strategies: theory and perception. *ELT Journal*. Volume 55/3 July 2001. (247-254)
- GRIFFITHS, C. Language Learning Strategies: Theory and Research. Occasional Paper No. 1 February, 2004.
- HARMER, J. *The practice of English language teaching*. Third Edition. Essex: Longman, 2001.
- KANE, T. S. *The Oxford essential guide to writing*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- KUMARAVADIVELU, B. The postmethod condition: Emerging strategies for second/foreign language teaching. *TESOL Quarterly*, 29: p. 27-48. 1994
- KUMARAVADIVELU, B. Toward a Postmethod Pedagogy. *TESOL Quarterly*. Vol. 35, No. 4. 2001. p. 537-560
- LAM, W. Y. K. Gauging the effects of ESL oral communication strategy teaching: A multi-method approach. *Electronic Journal of Foreign Language Teaching*, 3(2), 142-157, 2006.

LAM, W ; WONG, J. The effects of strategy training on developing discussion skills in an ESL classroom. *ELT Journal*. Vol 54/3 Julho de 2000.

LEE, I. Supporting greater autonomy in language learning. *ELT Journal*, Volume 52/4 October 1998.

LOPES, G. R. Crenças em estratégias de aprendizagem de línguas (inglês) de alunos de cursos de letras. (Dissertação). Brasília: Universidade de Brasília: 2007.

MAREFAT, H. & SHIRAZI, M. A. The impact of teaching direct learning strategies on the retention of vocabulary by EFL learners. *The Reading Matrix*, Vol.3. No.2, September 2003.

MARIANI, L. Learning to learn with the CEF. In: MORROW, K. (eds) *Insight from the Common European Framework*. Oxford and New York: Oxford University Press, 2004.

MARTINS, M. M. F. N. The use of learning strategies by intermediate level EFL learners when writing essays. (Dissertação) Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1996.

NUNAN, D. *Language teaching methodology: a textbook for teachers*. New York, London: Phoenix ELT, 1995.

NUNAN, D. Learner strategy training in the classroom: an action research study IN: RICHARDS, J. C. ; RENANDYA, W. A. *Methodology in language teaching: an anthology of current practice*. New York: Cambridge, 2002a.

NUNAN, D. Listening in Language Learning. In: RICHARDS, J. C. ; RENANDYA, W. A. *Methodology in Language Teaching: an anthology of current practice*. New York: Cambridge, 2002b.

OLIVEIRA, J. B. A. ; CHADWICK, C. *Aprender e ensinar*. 6ª Ed. São Paulo: Global Editora, 2004.

O'MALLEY, J.; CHAMOT, A. *Learning strategies in second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

OXFORD, R. *Language learning strategies: what every teacher should know*. New York: Newbury House Publishers, 1990.

OXFORD, R. L. Language Learning Styles and Strategies. In: CELCE-MURCIA, M. *Teaching English as a second or foreign language*. Third Edition. London: Heinle Heinle - Thomson Learning, 2001.

OXFORD, R. Language learning strategies in a nutshell: Update and ESL suggestions. In: RICHARDS, J. C. e RENANDYA, W. A. *Methodology in language teaching: an anthology of current practice*. New York: Cambridge, 2002.

OXFORD, R. Language learning strategies. In: CARTER, R. e NUNAN, D.[2001] *Teaching English to speakers of other languages*. Cambridge: Cambridge, 2004.

PAIVA, V. L. M. O. Refletindo sobre estilos, inteligências múltiplas e estratégias de aprendizagem In: PAIVA, V. L. M. O. (Org.). *Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005. p. 11-30

PETERSON, P. W. Skills and Strategies for Proficient Listening. In: CELCE-MURCIA, M. *Teaching English as a second or foreign language*. Third Edition. London, Heinle Heinle – Thomson Learning, 2001.

POZO, J. I. *Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem*. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RICHARDS, J. C. ; RODGERS, M. *Approaches and Methods in Language Teaching*. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

RODRIGUES, C. Estratégias de comunicação em língua estrangeira. A perspectiva da sala de aula. IN: *Linguagem e Ensino*, Vol. 2, N.1, 1999(11-35)

RODRIGUES, D. F. Ensino do Vocabulário em aulas de inglês. In: CONSOLO, D. A; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (Orgs) *Pesquisa em lingüística aplicada: ensino e aprendizagem de língua estrangeira*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ROST, M. *Listening in Language Learning*. New York: Longman, 1990.

RUBIN, J. What the “good language learner” can teach us. *TESOL Quarterly* 9: 41-51, 1975.

SCHARLE, A. & SZABÓ, A. *Learner autonomy: a guide to developing learner responsibility*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

SILVA, W. M. Estratégias de aprendizagem de línguas estrangeiras - um caminho em direção à autonomia. *Revista Intercâmbio*. Vol. XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP. 2006.

TARONE, E.; YULE, G. *Focus on the language learner*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

VILAÇA, M. L. C. As estratégias de aprendizagem na aprendizagem de línguas estrangeiras. IN: SILVA, I. A.(orgs) *Caderno de Letras 20- O Senhor das Linguagens*. Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

VILAÇA, M. L. C. Strategies in Vocabulary Teaching and Learning. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da Unigranrio*. Volume VII. Número XXVIII. Janeiro-Março de 2009.

WENDEN, A. Conceptual background and utility. IN: WENDEN, A & RUBIN, J. *Learner strategies in language learning*. New York: Prentice Hall, 1987

WENDEN, A. *Learner strategies for learner autonomy: planning and implementing learner training for language learners*. New York. Prentice Hall, 1991.